

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

DA ÉTICA DO BEM DIZER AO FAZER DO EDUCADOR: O “DESEJO” COMO POSSIBILIDADE DE SUSTENTAÇÃO E LUGAR DO TRABALHO DO PROFESSOR.¹

Sabrina Corrêa Da Silva².

¹ Projeto de Pesquisa realizado no Doutorado em Educação nas Ciências da unijuí

² Bolsista CAPES, doutoranda em Educação nas Ciências da Unijuí.

Introdução

Considerando o atual contexto, no qual estamos inseridos, vejo a pertinência de pensar e problematizar o lugar e o papel do educador, visto que sua tarefa tem sido reduzida a um processo de burocratização sucateado pela falta de estrutura física e, principalmente, pelo empobrecimento do seu investimento enquanto educador, uma vez que hoje o educador tem dificuldades de se fazer enquanto um profissional potente, criativo, ético, o qual não tem como móbil de seu trabalho o desejo. É possível perceber no espaço escolar no qual trabalho, o desinteresse e a não implicação do professor, visto que sua ação se pauta mais pela falta de outra ocupação do que pelo desejo mesmo do seu compromisso pelo seu fazer. Neste sentido o trabalho objetiva investigar os fundamentos que sustentam as condições éticas e políticas do fazer docente; compreender as condições que possibilitam o professor atuar a partir da perspectiva do desejo, sustentado pela teoria psicanalítica, seu lugar e sua função enquanto professor; problematizar o lugar do fazer docente; explicitar a dimensão Ética e sua relação com a Educação.

Metodologia

A perspectiva metodológica se fundamenta a partir da pesquisa qualitativa (Minayo) bibliográfica dos fundamentos teóricos que sustentam a problemática levantada. No que tange o campo teórico, tomo como principal referencial de análise as obras de alguns pensadores da educação, a partir do tripé: conhecimento/ética/desejo, conceituados, respectivamente, pela educação, filosofia e Psicanálise, delimitados/recortados junto à pesquisa.

Discussão e Análise

O atual contexto é marcado pela revolução da imagem e pela evolução da informática, ou seja, experienciamos um período dominado pela ciência e pela tecnologia. Deste modo, a informação assume proporções incríveis quanto sua velocidade de abrangência e quanto à capacidade de ser substituída pelo conhecimento. Nas palavras de Campos:

(...) um tipo de saber tornou-se hegemônico ao longo da modernidade, através de sua experiência adquiriu sua legitimidade. Atualmente a sociedade em que vivemos é produto deste modelo de hegemonia, centrada neste modelo de saber, que tem sua validade na racionalidade técnico-instrumental. Ou seja, na perspectiva do iluminismo, o saber que poderia libertar a humanidade do jugo de todas as formas de opressão é transformado no conjunto das relações capitalistas, e a consequência disso foi o aperfeiçoamento das formas de dominação. Na sociedade atual, em que

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

vivemos, a ciência é manipulada de tal forma que se encontra limitada por um saber, um saber tecnológico que explora a natureza e a utiliza como bem entender. (CAMPOS, 2013, p. 13)

Evidencia-se assim, o que Nietzsche há mais de cem anos questiona, a saber, a tendência aos conhecimentos técnico-científicos de utilidade prática e imediata, visivelmente do interesse e propósito da economia-política. Nesse sentido, a realidade sócio-cultural reflete uma crise dos ideais humanistas de formação.

Diante das considerações acerca do nosso atual diagnóstico sobre a educação, percebemos que os proferidos por Nietzsche há mais de cem anos não estão muito diferentes, nos possibilitando desta maneira, lançarmos um olhar crítico sobre o momento corrente. Nesse contexto de predomínio da formação em prol do utilitarismo e da rentabilidade, vemos a contemporaneidade do pensamento Nietzscheano ao criticar o sistema educacional de sua época. Assim, teremos sua filosofia como pano de fundo, procurando mostrar a importância de sua crítica e a consequente vulgarização da formação humanista em prol de uma formação de homens tanto quanto possível: úteis e rentáveis.

Este aparato conceitual possibilita o questionamento acerca da educação hoje, e mais, nos faz interrogar sobre o papel e a função do educador na produção do conhecimento, da educação. Assim, podemos interrogar acerca do papel da educação. É possível pensarmos o processo educativo como processo ético? Em sendo possível, qual seria, neste contexto, a responsabilidade e o papel do educador neste processo? Qual o papel/função da educação? Quais as responsabilidades e qual o lugar do educador frente estas questões, possibilitam o alargamento da produção de conhecimento?

Tencionamos, sobretudo, problematizar e reavaliar conjuntamente com as ideias de alguns pensadores, a questão da formação/educação fundamentada naquilo que a psicanálise nomeia, desejo; uma vez que, como coloca Rosa Maria Dial, para Nietzsche a “educação deve estar ancorada nas experiências da vida de cada indivíduo, onde os modos de vida inspiram maneiras de pensar e os modos de pensar criam maneiras de viver”(1990, p. 32-33). Trata-se de pensar acerca da concepção de educação/formação na contemporaneidade, uma vez que experienciamos o abandono da formação crítica/reflexiva/humanista/ética em favor de uma formação que acaba por primar à rentabilidade e utilidade do educando. Como postula Mario Osório Marques:

Escrever é preciso e nisso está o contraponto do dito português, ‘viver não é preciso’, porque viver é entender-se consigo mesmo, dizendo-se a si ao dizer-se a outrem na fala do face a face, ou melhor, da fala-escuta, ou no dizer-se à folha em branco. Viver sem saber não é viver. Entender as razões do apelo a essa segunda forma de reconciliar-se consigo mesmo, a do escrever, é assunto para posterior análise mais profunda. (MARQUES, 2011, p. 18)

Nesse sentido, pensar a formação/educação se faz necessário, uma vez que vivenciamos cada vez mais os espaços educacionais/institucionais enquanto espaços de burocratização do conhecimento, de não implicação dos sujeitos que por lá circulam. Isso significa dizer que o contexto atual não tem possibilitado pensar o processo educativo enquanto processo potencializador de sujeitos autônomos, onde a pesquisa se coloca como instrumento de fortalecimento da formação do estudante, pois

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

vivenciamos, além da burocratização do processo educacional, a mercadologização da educação. Todavia é preciso pensar acerca de como o professor hoje tem se posicionado frente esse contexto, uma vez que a formação, a pesquisa, a capacidade reflexiva, crítica e humanista só pode se realizar mediante implicação, leitura e comprometimento tanto do educador, quanto do educando, que cada vez mais se afasta do processo formativo em prol de uma capacitação mercadológica, onde o valor é colocado na representação simbólica de um certificado e não no aprendizado, leitura, visão crítica do mundo, possibilitados pelo processo formativo, o qual, inclusive, não finda ao término de uma trajetória escolar. Nas palavras de Maria Rita Kehl:

Ora, nas últimas décadas, os discursos predominantes a respeito do que a vida deve ser têm se empobrecido gradativamente à medida que se apoiam cada vez menos em razões filosóficas e cada vez mais em razões de mercado. É que as razões filosóficas e religiosas, as grandes utopias políticas, apontam sempre para além da banalidade do nosso dia-a-dia, para um devir, uma transformação do sujeito ou do mundo que ele habita. (KEHL, 2002, p. 10)

Por outro lado, não podemos deixar de considerar que, se a formação e a pesquisa vêm perdendo espaço, ou ainda, não entram em pauta durante a travessia acadêmica, a nova configuração de sociedade capitalista/globalizada contribui significativamente para isso na medida em que transforma as formas sociais e culturais que dizem sobre a finalidade do conhecimento. Nesse sentido, as reconfigurações epistemológicas e políticas dizem da importância e do lugar que o conhecimento ocupa na sociedade atual. Isso significa dizer que graduação e formação não são sinônimas, tampouco se dão fortuitamente. Ao contrário, são processos distintos que podem se efetivar de maneira harmônica, desde que haja implicação por parte dos sujeitos dispostos a aprender, a fazer formação.

Nietzsche nos seus primeiros textos e enquanto professor na Basileia traz em sua produção filosófica e interesse pessoal, reflexões acerca da educação e da cultura. Suas conferências sobre a educação dos jovens e a Intempestiva sobre Schopenhauer como educador, são claramente uma manifestação explícita de que além de mestre da filosofia, era também um filósofo da educação. Educação esta, voltada para o desenvolvimento integral e harmonioso de todas as capacidades de convívio.

O diagnóstico dado por ele há mais de cem anos sobre a educação, de um sistema que abandona a formação humanista em favor de uma formação cientificista, a pobreza filosófica refletida no ambiente intelectual, a assimilação da produção cultural à produção industrial, ou seja, a cultura determinada por critérios ditados pela economia política, à degradação do pensamento através da disseminação da cultura jornalística, onde a educação abandona o ensino da reflexão filosófica, enfim o atrelamento da cultura e das atividades pedagógicas ao Estado e à economia, ou ainda, à cultura oficial e utilitária; não estão longe dos proferidos por nós hoje. Os ataques dirigidos à cultura da época e os que hoje faríamos à nossa.

(...) a educação significa auto-formação, um objetivo que extrapola certamente as esferas de atuação dos estabelecimentos de ensino e que faz da cultura uma atividade para toda a vida. Por outro lado,

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

a afirmação da cultura como base da formação dos grandes homens exige, ao mesmo tempo, a crítica dos costumes, das leis e dos valores existentes, quer dizer, o ataque à mentalidade mercantil que vincula cultura e dinheiro e à mentalidade estatal que instrumentaliza as instituições de ensino para seu próprio proveito. (SOBRINHO, 2003, p. 37-38)

Nietzsche, indubitavelmente, nos permite lançar um olhar crítico sobre o momento corrente. Faz-nos pensar sobre o quanto a capacitação para obtenção de dinheiro pode ter se convertido em sinônimo de adquirir cultura. Pois hoje, diagnosticamos uma educação calcada em princípios cientificistas e utilitaristas, visivelmente de interesse e propósito da economia política. Nas palavras de Larrosa:

Nietzsche não deixa em paz seus leitores; ele não nos deixa em paz. Com uma desenvoltura que beira a insolência, levanta constantemente a cabeça do papel no qual está escrevendo e nos olha diretamente na cara, nos agarra pelas lapelas, nos sacode os ombros, nos faz sinais. Desavergonhadamente, interrompe nossa tranquilidade de leitores e, de um salto, coloca-se ante nós com esse olhar brincalhão de quem se sabe capaz de reconhecer imediatamente de que material somos feitos. Interpelando-nos em nossa própria atividade, metendo-se diretamente em nosso território, atacando nosso conformismo, a escrita de Nietzsche nos interroga e nos obriga a interrogar-nos sobre a qualidade de nossa própria leitura: como se desconfiasse de nós, como se advertisse os limites de nossa perspectiva, como se suspeitasse de nossa tendência a desfigurar sua mensagem, a traduzi-lo em uma língua inferior. (LARROSA, 2004, p. 13)

Considerações Finais

Se Nietzsche julga que “a cultura consiste no trabalho árduo e penoso de cultivo do próprio espírito”, igualmente entende que “a educação tem de levar ao desenvolvimento integral e harmonioso de todas as capacidades do indivíduo”. Assim, não podemos deixar de considerar que a educação é um instrumento que permite intervir no mundo enquanto experiência humana. Isso significa dizer que compõe uma ação que é política, portanto, ética. Intervenção esta que para além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados/aprendidos, implica, nas palavras de Freire (2014, p. 96): “(...) tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante.”

Como postula Marios Osorio Marques, escrever é preciso. Diria que pesquisar também. Considerando que o processo de escrita só é possível a partir de um movimento do estudante em direção ao conhecimento, para escrever é preciso pesquisar. Ler. Implicar-se no processo formativo, o qual apontará a trajetória epistemológica, política e social do sujeito.

Por fim, diante deste contexto podemos pensar sobre o papel do educador e sua relação com o desejo de saber postulado pela psicanálise, afim de que possa fazer um movimento em direção à uma produção ética do seu ensino e, assim, contribuir no processo de aprendizagem do educando, tarefa e compromisso do educador. Nas palavras de Lacan (1998, p.218): “A formação do

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

psicanalista exige que ele saiba, no processo que conduz seu paciente, em torno do que o movimento gira. Esse ponto-pivô é o que eu designo pelo nome de desejo do psicanalista.” Nesse sentido, vemos a possibilidade de o trabalho do educador estar ancorado naquilo que a psicanálise nomeia de ética, ou seja, na possibilidade do trabalho do educador estar ancorado no desejo pelo seu fazer, e assim, possibilitar a aprendizagem enquanto compromisso e desejo ético do seu trabalho.

Palavras-chave: Educação; Ética; Desejo; Professor.

Referências:

Campos, Casemiro de Medeiros. Saberes docentes e autonomia dos professores/Casemiro de Medeiros Campos. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Deslandes, Suely Ferreira. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 30. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire – 48ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

Kehl, Maria Rita. Sobre Ética e psicanálise/Maria Rita Kehl. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Lacan, Jacques, 1901-1981. O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, 1969-1970/Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; (versão brasileira de Ary Roitman, consultor, Antonio Quinet).- Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. Livro 7, A ética da psicanálise/Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alain Miller; tradução de Antônio Quinet. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. Livro 6. O Desejo e sua interpretação/ Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução Claudia berliner; 1Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Larrosa, Jorge. Nietzsche & a Educação/ Jorge Larrosa; traduzido por Semíramis Gorini da Veiga. – 2ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Marques, Mario Osorio. Escrever é preciso: o princípio da pesquisa/ Mario Osorio Marques. – 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Roudinesco, Elisabeth, 1944. Dicionário de psicanálise/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Sobrinho, Noéli Correia de Melo. Escritos sobre Educação/Friedrich Nietzsche; tradução, apresentação e notas de Noéli correia de Melo Sobrinho, - Rio e Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.